

VIOLÊNCIA BASEADA NO GÊNERO

Do silêncio à sequelas pelo resto da vida

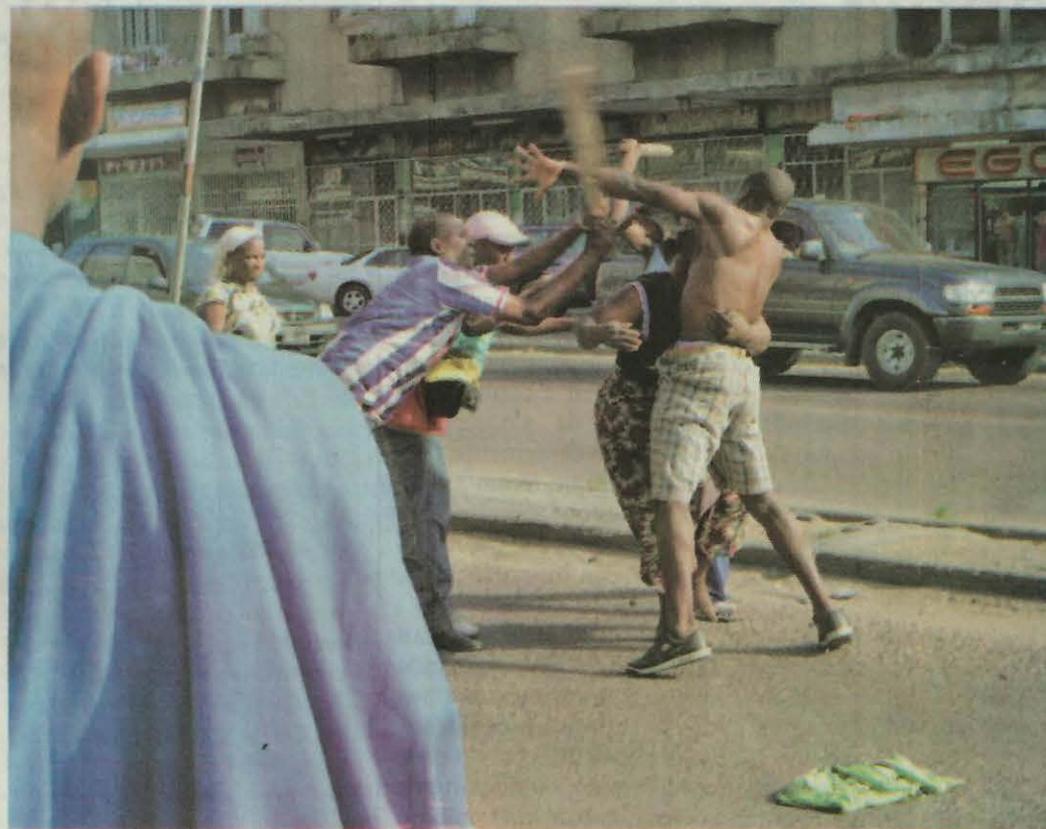
EVELINA MUCHANGA

O MEDO de queixar-se contra o cônjuge, mesmo sendo vítima de violência por repetidas vezes, está a contribuir para que muitas mulheres busquem ajuda num estágio em que já desenvolveram sequelas e marcas que carregam por toda a vida.

Relatos de sobreviventes da violência baseada no gênero e doméstica mostram que algumas mulheres optam por não denunciar o parceiro por pressão da família, proteção dos filhos e receio de serem julgadas pela sociedade por colocarem o agressor na cadeia.

“Este é dos piores erros que cometemos”, reage R. Ngovene, uma das vítimas que teve de ser internada numa das unidades sanitárias da província de Gaza, após ter sido esfaqueada pelo ex-marido.

A jovem de 31 anos de idade conta que no início da relação, que durou cerca de dois anos, tudo parecia normal. Contudo, passados alguns meses, o



As famílias devem optar pelo diálogo, não pela violência

ex-marido passava noites fora de casa, mesmo assim ela não questionava, apesar de sofrer com a atitude.

Explica que estava focada no trabalho, mas chegou a altura em que a situação se tornou insuportável. Pior, segun-

do ela, foi quando descobriu uma mensagem do ex-marido que dizia que ele ia morrer e que ela tinha de levar um me-

dicamento tradicional para espalhar na campa, após as cerimónias fúnebres.

“Fiquei chocada e pedi uma reunião com a família na qual se decidiu pela separação. Para mim estava tudo resolvido, por isso podia seguir a minha vida”, desabafou.

Contudo, R. Ngovene estava enganada: numa manhã de Fevereiro de 2021, quando ia ao serviço, o ex-marido seguiu-a. Deu-a golpes no corpo com facadas à mistura.

“A intenção dele era de me matar. Só não o conseguiu porque apareceram umas crianças e ele soltou-me, fugindo depois para a África do Sul. Mesmo estando longe, ele continua a ameaçar-me”, lamentou.

Em Moçambique a violência doméstica e a baseada no gênero constituem crime. Vários instrumentos legais, com destaque para a Lei Sobre a Violência Doméstica e a Lei da Família, foram aprovados para garantir uma maior proteção e segurança às mulheres e raparigas.

Mais de 12 mil mulheres sofrem maus-tratos

Estadísticas revelam que a violência doméstica e baseada no gênero continua a ser problema

violência desde a física, passando pela psicológica e sexual até à económica.

Tipos de violência segundo idade

Violência Baseada no Gênero, em tempos da Covid-19”. Para ela, um dos principais desafios no combate a esta mal social é

Mais de 12 mil mulheres sofrem maus-tratos

Estatísticas revelam que a violência doméstica e baseada no género continua a ser problema no país. Em 2020, os gabinetes de Atendimento à Família e Menores Vítimas de Violência atenderam 22.978 casos, dos quais 12.398 mulheres, 2402 homens, 723 idosos e 7455 crianças. Do total dos casos, 2071 são de violência sexual, sendo que as principais vítimas são crianças e mulheres.

O Inquérito sobre Violência Contra Mulheres e Raparigas em Moçambique publicado este ano (2021) pela Universidade Eduardo Mondlane revela que as mulheres são alvo de vários tipos de

violência desde a física, passando pela psicológica e sexual até à económica.

A violência económica seguida da psicológica são as mais comuns, de acordo com os dados do inquérito que referem ainda que o facto das meninas e mulheres não estarem escolarizadas ou não se libertarem dos valores socioculturais dominantes na sociedade contribui para que sejam alvos de violência, sendo que muitas delas preferem procurar apoio de um familiar próximo, em vez da Polícia.

“Esta situação exige de todos nós mudanças de atitude. Que mulheres e homens assu-

Tipos de violência segundo idade



mam que a violência não pode ser justificada e todos devem contribuir para a sua eliminação”, apela Carlota Matchaie, inspectora geral do Ministério

do Género, Criança e Acção Social, falando há dias no lançamento, em Maputo, da primeira edição do concurso “Prémio de Jornalismo Moza Banco sobre

Violência Baseada no Género, em tempos da Covid-19”. Para ela, um dos principais desafios no combate a este mal social é a falta de conhecimento e consciência sobre as várias formas de violência e a interiorização por parte de homens e mulheres de que a prática é justificável.

Disse ainda ser importante que se assuma que a violência não se elimina apenas com medidas penais havendo, por isso, a necessidade de uma educação cívica e moral, com intervenções desde cedo nos processos de socialização do indivíduo de modo a se acelerar o ritmo da mudança.

Vítimas protegem agressor

CAROLINA José Comoana, médica legista afecta ao Hospital Provincial de Xai-Xai, província de Gaza, tem recebido vítimas de violência baseada no género e doméstica. Conta que algumas chegam à unidade sanitária com lesões simples, mas em outras os danos são tão graves que necessitam de cuidados intensivos ou mesmo a transferência da paciente para o Hospital Central de Maputo para cuidados mais especializados.

Lembrou-se do caso de uma mulher levada para este hospital com os membros inferiores amputados pelo marido, deixando-a incapacitada para o resto da vida. No mês passado, Março, recebeu uma jovem de 23 anos com lesões corporais, fruto de agressão protagonizada pelo marido (46 anos de idade) e enteada.

“Fico muito triste sempre que me aparece uma mulher nestas condições. O pior é quando elas dizem que perdoam o marido e não o querem ver preso. Elas pedem para que a Justiça dê ao agressor alguma lição só para assustá-lo”, lamentou.

Entre as vítimas, estão mulheres grávidas que chegam com lesões na barriga e com vários golpes. Outras são meninas que deixaram de estudar para ir ao lar e, por fim, são vítimas de violência constante.

“É preocupante o que se vive na sociedade. Pior é que as mulheres sofrem, caladas, sobretudo neste tempo da pandemia da Covid-19”, disse. Em quase todas as capitais provinciais do país e distritos foram instalados gabinetes de Atendimento Integrado à Família e Menores Vítimas de Violência. Nestes edifícios são oferecidos serviços de Polícia, médico-legista, Procuradoria, Instituto do Patrocínio e Assistência Jurídica e Acção Social para flexibilizar e garantir conforto às vítimas da violência. Para além disso, a Lei sobre Violência Doméstica castiga os agressores com penas que variam da prestação de serviços comunitários até oito anos de prisão maior, dependendo da gravidade do crime.

Traumáticas psicológicas



As vítimas devem recorrer às autoridades governamentais

PARA Marcelo Kantu, psicólogo clínico da Associação Moçambicana para o Desenvolvimento da Família, são poucas as pessoas que reportam casos de violência e quando procuram por ajuda já desenvolveram vários problemas, entre psicológicos e/ou de relacionamento.

Explica que é preciso que a comunidade perceba que qualquer acção coerciva contra si é violência: “não há que dizer porque ele é o meu amor, é a minha paixão, é o meu marido. A violência vai deixar marcas, algumas invisíveis como as psi-

cológicas”.

Refere que por causa de trauma psicológico algumas pessoas apresentam-se com comportamento grave como tentativa de suicídio ou de eliminar a vida de outrem.

Entende que as vítimas da violência demoram denunciar o agressor/a porque, por um lado, algumas dependem financeiramente do marido e receiam ficar sem ter como sustentar os filhos, por outro, a educação que se dá à mulher de que ela deve resistir a todo o tipo de violência sobretudo quando está no lar.

“O nosso país avançou muito com o serviço de apoio a todas as vítimas de violência. Nós como pessoas temos de saber que o nosso corpo não é para ser batido, não é para ser tocado quando nós não queremos e não devemos ser obrigados a fazer coisas”.

Esclarece que quando se faz uma queixa muitas vezes é para apoiar a pessoa a ter um convívio harmonioso no lar porque, segundo a fonte, nos gabinetes de atendimento existem equipas multisectoriais que dão assistência. Isso pode ajudar a perceber a origem do problema que leva à agressão.

“Imagine numa situação de Covid-19, onde o provedor da casa, que, socialmente, é o homem, perde emprego e todos ficam a olhar para ele à espera que consiga prover alimentos. Ele pode começar a desenvolver comportamentos de violência para se impor e também para amedrontar”, observa.

Reiterou, contudo, que as famílias, os casais devem optar pelo diálogo em todas as circunstâncias porque, segundo afirmou, nada justifica a violência quer física, verbal, psicológica ou económica.

“Não devemos aceitar que sejamos violentados e ficarmos calados. Se eu não consigo queixar, podemos pedir ajuda a vizinhos para fazer a comunicação à Polícia”, aconselhou.